

## NO ROLÉ DA MARÉ: RESENHA SOBRE O ÁLBUM *DE MARÉ*, DE ROSA DE PEDRA (2012)

ROSA DE PEDRA. *De Maré*. Rio Grande do Norte: 2012. Compact Disc. Digital Áudio, 1 CD.

Orlando Brandão<sup>1</sup>

Desde 2002 no ar, a banda potiguar Rosa de Pedra completa este ano 12 anos de estrada. Com apenas dois álbuns lançados, Rosa de Pedra é formada atualmente por seis integrantes: Ângela Castro (voz), Tiquinha Rodrigues (rabeça/violino/vocal), Toni Gregório (guitarra), Betão Tavares (baixo), Kleber Moreira (percussão) e Rogério Pitomba (bateria).

É uma das principais bandas atuantes na cena independente, em terras de comedores de camarão, cujo primeiro álbum homônimo é o resultado de uma decomposição de ritmos populares, da religiosidade afro-brasileira, de *rock*, de forró e de *reggae*. Nesse álbum ecoam traços do movimento Mangubeat, iniciado na década de 1990 com Mundo Livre S/A e Chico Science & Nação Zumbi. Sem ficar muito distante da influência do Mangubeat, Rosa de Pedra lança seu segundo álbum em 2012, intitulado *De maré*. Nele podem-se perceber 11 canções autorais e uma releitura da canção “Pedras que cantam”, de Dominginhos e Fausto Nilo.

O nome do grupo foi inspirado no primeiro livro de poemas da autora, também potiguar, Zila Mamede, publicado em 1953. Esse título lembra ainda a imagem drummondiana da flor que rompe o asfalto, rompe veia. Em meio à dureza do asfalto da mídia local, nasce da ambiguidade poética a Rosa do mangue, do sal, do sol, de Pedra. Suas canções, não muito distantes do jogo de palavras comuns no gênero *poema*, estão atravessadas por uma poética do diverso, como apontam os estudos de Glissant em *Poética da relação* (2011) ou *Introdução a uma poética da diversidade* (2005).

Sintonizadas com essa proposta lítero-musical, as composições do álbum *De Maré*

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras (Língua Portuguesa), especialista em Literatura Brasileira e mestrando em Literatura Comparada pela UFRN.

(2012) apresentam uma assimilação da cultura afro-brasileira com o *soul*, o *rock*, entre outros ritmos. Dentro da cena musical potiguar, esse álbum veio como uma maré de ritmos em meio à produção de músicas autorais. **Na primeira canção**, “No rolé” (Ângela Castro, Tiquinha Rodrigues e Toni Gregório), podemos perceber o anúncio dessa sonoridade transcultural: “Eu tenho faca, queijo, café/Batuques do candomblé/Cantos, rock, soul e fé”. A expressão *rolé* pode significar “dar uma volta” ou “passeio”. Não é à toa que essa canção é a primeira do álbum, pois nela anuncia-se um rolé pelos terreiros culturais, que muitas vezes estão em terras potiguares e são pouco difundidos pelas mídias locais.

Ainda nessa canção, destaco o diálogo com a religiosidade afro-brasileira, que é marcada com os tambores da percussão e com a saudação a dois orixás da nação Ketu, Iansã e Xangô. Essas saudações são, respectivamente, “Èpàrèi, Oyá” e “Kawó Kabiesilé”.

**Na segunda canção**, “Marés urbanas” (Ângela Castro, Tiquinha Rodrigues e Toni Gregório), o contrabaixo, que em quase todas as músicas está com um som agradável e bom de ser ouvido, dá um toque de leveza. Os versos da canção abrem uma imagem pitoresca, reforçando ainda mais o clima ameno da música: “Vá tomar o seu café/Dê um beijo na família/Tire as roupas do varal/Enquanto o sol ainda alumia”.

Em contraposição a essa leitura mais leve, podemos fazer uma leitura de que o primeiro verso “vá tomar o seu café”, na performance, sugere a sonoridade de um xingamento: “vá tomar no cu”. Logo em seguida, apresenta-se o imperativo “Vá pra rua, tome vento/Mostra os dentes pro leão/Porque o tempo não espera”, que é como se dissesse ao seu ouvinte: “não fique parado aí! Saia de casa, enfrente seus problemas, sorria para o leão, não perca tempo”.

O título do álbum é retomado nessa canção. A maré é metáfora para o plural: “A maré quando tá cheia/Assusta mais que Lampião/Corre menino maré urbana/Maré de gente, maré de litoral”. É como se dissesse que a Rosa de Pedra é de maré, ou seja, veio do povo, veio da multidão e por isso assusta mais que Lampião. A imagem do menino correndo sugere a chegada para maturidade e o enfrentamento da maré. Essa imagem da maré percorre as ondas desse álbum.

**A terceira composição** (Ângela Castro, Tiquinha Rodrigues e Toni Gregório), “Beijo leve, ‘Kiss’ leve”, traz como ênfase o peso do *rock* e, novamente, o contrabaixo acompanha o peso característico desse estilo. O “beijo”, que deveria ser leve, contrapõe-

se ao peso do *rock*, fazendo algo semelhante ao que ouvimos na canção anterior. Essa tensão causada pelo uso de antíteses ou de paradoxos é comum em textos poéticos.

Isso é reforçado com a imagem da bailarina que percorre as ruas pisando em minas: “Percorro ruas/Pisando em minas/Nas sapatilhas das bailarinas/Alto risco, faro-fino/Andando em gasolina”. Os sons agudos da guitarra distorcida que introduzem esses versos lembram o barulho de um carro, marcando a imagem da cidade que atravessa a obra. A metonímia “andando em gasolina” reforça essa imagem.

Ao final da música surgem os versos que dão nome a essa composição, quando se lançam as indagações: “O que se leva da vida,/que a vida leve?!” e “O que se leva da vida,/que um beijo leve?!”. Essas indagações trazem a sonoridade da palavra *beijo* em inglês, *kiss*. Como em um beijo leve, essas indagações também parecem querer inquietar seu leitor/ouvinte, e é como se perguntasse: “O que você espera da vida?”. O beijo. Simples, leve, representa o afeto entre duas pessoas. O que precede o beijo? Geralmente, é o frio na barriga, são os olhares que se beijam, são as duas mãos, que, mesmo opostas, tocam-se.

Saltando para a **nona canção**, “Meninas de ponta” (Ângela Castro e Tiquinha Rodrigues), podemos destacá-la como uma das músicas mais bonitas do álbum. Começa com um clima de suspense. O mistério (que não é bem um mistério) dessa música é descobrir quem são essas meninas a quem a música se refere, como pode ser visto a seguir: “Meninas de Ponta se lançam/Tão prontas pra vida/Se jogam no mundo/Se lançam no mar”. A imagem das meninas de ponta que se lançam prontas para vida sugere o encontro prematuro da inocência da criança com a vida adulta. A “menina de ponta” tanto pode ser lida como uma criança de ponta de pé, como uma menina usando salto. Nesse último caso, a ponta seria uma metonímia do salto. Isso se confirma com a estrofe: “Elas são as mesmas meninas/No espelho batom borrado seguem sua sina/Elas são as mesmas meninas/De salto agulha pisa na ferida”.

Podemos dizer ainda que esse encontro prematuro com a vida é uma referência às garotas de programa; são as mesmas meninas que se lançam prontas para a vida. É como se a narradora da canção dissesse que elas já chegam de batom borrado. O verso “Elas são as mesmas meninas/Brincando de boneca sentada na esquina”<sup>2</sup>, resume bem essa leitura da canção. O lugar onde essas meninas brincam é muito simbólico. Elas

<sup>2</sup> A não concordância do verbo *sentada*, ao invés de *sentadas*, marca a aproximação da oralidade. A transcrição das letras foi baseada no encarte do álbum em questão.

estão sentadas na esquina com as suas bonecas. A esquina é popularmente conhecida como lugar de trabalho das prostitutas. Já a boneca representa as marcas da infância, de uma inocência que não foi completamente perdida.

Assim como nesses versos, a canção “Meninas de ponta” é atravessada por essa temática, como pode ser visto nos versos a seguir: “Elas são as mesmas meninas/Com a gilete debaixo da língua”. A gilete debaixo da língua é uma estratégia utilizada para defesa, geralmente, das prostitutas, pois após tirarem a roupa não teriam outro lugar para guardar a gilete, se não fosse embaixo da língua.

De um modo geral, as canções do álbum *De maré* estão marcadas pelo diálogo com outros ritmos, pela poeticidade e pelos traços da cultura potiguar. No rolé da Rosa de Pedra o ouvinte pode seguir as ondas dos batuques do candomblé, do *rock*, do *soul*. Correndo contra a maré da mídia local e de políticas públicas que pouco incentivam a produção potiguar, a banda Rosa de Pedra traz para a cena musical independente novas leituras da sonoridade, da poesia e, conseqüentemente, da cultura potiguar.

#### **P'REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. **Poética da Relação**. Portugal: Gallimard, 2011.